

**DOMINGO DE RAMOS NA PAIXÃO DO SENHOR ANO A  
SOMOS IGREJA QUE ACOLHE**



1ª Leitura

Is 50,4-7

Salmo

21 (22)

2ª Leitura

Flp 2,6-11

Evangelho

Mt 26,14-27,66

Caros amigos:

Começamos a Semana Santa com a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Esta é a última coisa que as autoridades religiosas queriam que acontecesse. Elas não aceitaram Jesus, nem os seus ensinamentos, e querem evitar que outros o sigam. Nada podia ser pior do que Ele receber este clamoroso acolhimento de 'herói'.



**"ESTA MESMA NOITE...  
ME NEGARÁS TRÊS  
VEZES..."**



Contemplar a figura de Pedro pode levar-nos a dar mais um passo no itinerário de conversão quaresmal, que, agora mesmo, entra na sua recta final, na semana grande do Ano Litúrgico. Negações deste discípulo são dadas por nós cada dia. Cobardia, medo, respeito humano, vão gerando atitudes menos fiéis, generosas, dedicadas. Pedro na ceia parecia forte, corajoso, mas não o era. Confiava em si e não no poder de Deus que em nós é fiel. Voluntarioso, quase vaidoso, pensava-se forte e imune de queda. Vai aprender o que é o pecado e a conversão para poder depois confirmar os seus irmãos fracos e pecadores. A trajectória deste discípulo é a nossa existência quotidiana cheia de pequenas negações ao amor. Quais são as tuas? Não será hora de mudar?

**PARA MEDITAR**

**"FOI TER COM OS  
DISCÍPULOS...  
ENCONTROU-OS A  
DORMIR..."**



Os discípulos dormem. Nos momentos dolorosos e importantes deixam-se vencer pelo sono. Tibieza, sonolência, falta de amor, ausência de amizade. Não pode (não deve) acontecer assim connosco. Nem se pode, em momento algum, pensar que, apenas nós, seres humanos, somos e temos a chave para o problema. Olha, como a Igreja, nesta hora pandémica, te está a comunicar isso, convidando-te a "vigiar e orar".

Os primeiros discípulos deixaram de fazer companhia ao Mestre, ao Amigo. Por isso, o queixume de Jesus: "Nem sequer pudeste vigiar uma hora comigo!". Queixume que não é repreensão agressiva, mas súplica, pois insiste: "Vigiai e orai". Só assim se vence a tentação e se consegue a força e a graça de Deus. Mais, assim também se alcança a vitória.

**"TECERAM UMA  
COROA DE  
ESPINHOS..."**



Jesus, em silêncio, sofre. Tinha aceitado a vontade salvífica do Pai, tinha dito sim, tinha amorosamente acedido a ser vítima do holocausto. Não se vai queixar, revoltar, fugir à dor. Exemplo maravilhoso. No seu interior, ama aqueles homens, ama e pensa em todos os pecadores. Todos precisam do seu sangue, das suas dores. E todos estamos lá, na pessoa dos soldados, a fazê-lo sofrer, escarnecendo, batendo, cuspidando, injuriando. Quando O quiseram aclamar rei, fugiu pelo meio da multidão. Agora, perante os soldados romanos, é coroado de espinhos na ignomínia e no meio de insultos. Perante tal espectáculo, como podemos nós querer honras, prestígios, louros? O nosso Rei está coroado de espinhos. Não deixemos de olhar para o sofrimento que invade a vida da humanidade neste tempo: epidemias, angústias, medos, incertezas, inseguranças, perdas, cansaços, solidão, falta de pão... Pensar no sofrimento de Jesus deve fazer-nos socorrer, acompanhar, amar os cristos que hoje sofrem no nosso mundo. Fã-lo dentro das possibilidades de cada tempo.

**REZAR A PALAVRA E  
CONTEMPLAR O MISTÉRIO**



*"Lembra-te, Jesus, Verbo de Vida,  
De que me amaste até morrer por mim  
Quero também amar-Te loucamente,  
Quero também viver e morrer por Ti"  
(Santa Teresa do Menino Jesus, Poesia 24,26)*

**VIVER A PALAVRA**

**Vou-me abrir ao testemunho de Jesus, deixando-me converter e  
transformar pelo seu Amor!**



## Palmas e oliveiras: O Domingo de Ramos na Bíblia, natureza e espiritualidade



### Entre cânticos de hossana e glória

“A multidão, numerosíssima, estendia os seus mantos no caminho, enquanto outros cortavam ramos das árvores e estendiam-nos no caminho”: a liturgia do Domingo de Ramos, na esteira dos Evangelhos, está associada a duas árvores que têm um valor simbólico na Bíblia e na tradição cristã.

A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, segundo o Evangelho de Mateus (21,8), introduz um sinal particular de festa, os ramos verdejantes («folhas cortadas nos campos», de acordo com Marcos 11,8), que no Evangelho de João são especificadas como «ramos de palma» (12,13).

Sobre esta cena podemos sobrepor a dos eleitos do livro do Apocalipse: «Uma multidão imensa, que ninguém podia contar, de toda a nação, tribo, povo e língua ..., revestidos em vestes cândidas, tinham ramos de palma nas suas mãos» (7,9).

É na sequência destas representações que a liturgia de Ramos propõe a procissão das palmas, às quais se associam as oliveiras, porque a entrada de Jesus parte de Betfagé, uma vila nas encostas do monte das Oliveiras (cf. 21,1).

Na contemplação bíblica da natureza encontramos estas duas árvores que revestem um valor emblemático nas páginas sagradas e na tradição judaica e cristã (a festa das Cabanas, por exemplo, compreende um, ritual em que se agitam palmas, em sinal de alegria).



### Ramos de palma...

Em hebraico, “palma” é “tamar”, que se torna também um nome de pessoa (como a infeliz irmã de Absalão, filho de David, conforme (2 Samuel 13), e de definição de localização (Jericó era dita “a cidade das palmas”).

Esta planta, com a harmonia das curvas dos ramos e do seu penacho torna-se símbolo da beleza, como se diz da mulher no Cântico dos Cânticos: «O teu porte é semelhante à palmeira e os teus seios parecem cachos» (7,8), com evidente alusão às tâmaras.



Para o salmista, é o justo que floresce com palmeira ..., “*mesmo na velhice dará frutos, e será verde e viçoso*» (92,13-15). Em grego, “palma” é “phoenix”, com a referência ao pássaro da imortalidade, a fênix, e à Fenícia, que nas suas moedas cunhava muitas vezes a imagem de uma palmeira.

### ...e oliveira...

À oliveira, por seu lado, seria necessário dedicar um longo tratado, porque é, com as videiras e o figo, um vegetal mediterrânico muito querido à Bíblia, sobretudo pelo seu fruto, que produz o azeite.

No Novo Testamento, “elaiá”, “oliveira” em grego, ressoa três vezes como “monte das Oliveiras”, e 11 enquanto “elaiôn”, “óleo”. Recordamos, no entanto, que já nas primeiras páginas da Bíblia comparece um raminho de oliveira levado por uma pomba a Noé, como sinal de renascimento da vida após a tragédia do dilúvio (cf. Génesis 8,11). Também Israel, ressurgido como povo abençoado por Deus, «*terá a beleza da oliveira*» (Oseias 14,7).

Entre os muitos passos bíblicos colocados idealmente à sombra desta árvore evocamos dois. O primeiro é luminoso, e é a deliciosa quadra do Salmo 128, com o pai sentado à mesa rodeado da mulher e dos seus filhos, «*semelhantes rebentos de oliveira*» (v. 3).

O segundo é, ao contrário, dramático, e decorre no Getsémani, de todos conhecido; o termo significa “lagar para as oliveiras”, colocado no interior de um horto de oliveiras onde Jesus sofre e reza na última noite da sua vida terrena.

**Card. Gianfranco Ravasi**

**Presidente do Conselho Pontifício da Cultura, biblista**



## MENSAGEM DE D. ANACLETO PARA A VIVÊNCIA DA PÁSCOA

### Caríssimos Diocesanos

Permiti, antes de mais, que me dirija a cada um de vós, tratando-o por “Tu”. Pode ajudar a aproximar-nos, uma necessidade particularmente sentida com a separação exigida pela pandemia do Covid-19 que nos afeta. Só juntos, podemos encontrar soluções para as incertezas com que nos deparamos. Entre elas, as que se referem às festividades pascais que se aproximam e que, dada a sua centralidade na nossa vida cristã, não vamos deixar de celebrar. Mas como?

Para já, só de uma coisa temos a certeza: nunca, até hoje, vivemos a Páscoa assim. Nem nós, nem, que conste, os nossos antepassados na longa história do cristianismo. Nunca as celebrações litúrgicas – memoriais atualizantes dos acontecimentos centrais da nossa vida cristã – foram vedadas à participação presencial de todos os fiéis. Nunca a sua preparação, pela celebração individual do sacramento da Reconciliação, nos fora desaconselhada. Nunca tinham sido proibidas manifestações pascais de piedade popular, como a procissão dos passos ou a via-sacra. Ou a visita pascal, em que as portas das nossas casas se abrem a todos, para saborearmos a comunhão e a alegria concedidas pelo Ressuscitado.

Mas, por estranho que pareça, esta Páscoa pode ser única, também porque mais rica, quiçá, a mais bela da nossa vida. «Como assim?» – perguntarás. Exatamente, por lhe faltar tudo o que referi – e desde que, desse modo, a vivas! Repito: a vivas! É possível que, na prática, já o estejas a fazer na Quaresma que a pandemia transformou em quarentena, obrigatória para muitos, recomendável para a maioria. Uma Quaresma que é tanto mais frutuosa quanto mais nela já vivermos o mistério pascal no que ele tem de mais genuíno: o amor ilimitado de Cristo que passa pela total renúncia à vida, para assim a readquirir, mas ilimitada no tempo e no espaço. É à vivência deste amor que a pandemia nos desafia. Tem a coragem de a assumir naquilo de que te priva, como Cristo se privou da vida, para fazer disso fonte de vida. Tenta, nesse sentido, seguir o que tento propor-te sobre a vivência desse amor, nas suas três vertentes e à luz daquilo que a epidemia nos oferece:

• **1.º O amor por ti próprio.** Que ele é indispensável, podes vê-lo, desde logo, pela tua provável reação ao vírus: o medo de seres infetado e, nesse caso, de isso te custar a vida; ou a solidão a que, se infetado, fores obrigado e que te priva do

conforto de um familiar ou um amigo, não apenas por palavras, mas sobretudo por carícias. Que significa tal medo e solidão, senão que amas a tua vida mais do que tudo? «Não, morrer não quero, de modo algum!» Se o não dizes, talvez o penses. E com razão: o teu ser consiste em ter a vida. Sem ela, negas-te no que és e tens de mais básico e constitutivo. E isso leva-me a perguntar: como é possível que a vida, própria e alheia, seja olhada como um alvo à mercê de teorias e práticas que permitem legalmente o seu descarte?... Esta é a primeira grande lição que a pandemia nos traz: o reforço do amor por mim próprio, que inclui o amor incondicional à minha vida. E isto, por simples razões humanas – mas que Jesus, para nós cristãos, acentua, como sempre faz com tudo o que é humano.

É verdade que Ele raramente fala do amor-próprio. Por não ser importante? Pelo contrário, por ser natural e óbvio. Por isso se limita a inseri-lo em instruções ou situações, como a questão do maior mandamento da Lei de Deus. Ao primeiro (sobre o amor a Deus) acrescenta o segundo, derivado do primeiro e ao seu nível: Amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mt 22,39, com a palavra de Deus de Lv 19,18). Ou seja, o critério e o impulso para amar os outros é o amor por mim.

E agora repara como Jesus o viveu, precisamente no início da sua paixão e morte, decisivas para Ele e para nós. Perante a iminente crucifixão e numa tristeza de morte, três vezes suplica: Pai, tudo te é possível: afasta de mim este cálice. Mas não se faça o que eu quero, mas o que tu queres (Mc 14,34,36). Não queria morrer. E só aceita por ser, naquelas circunstâncias, a vontade de Deus, isto é, o amor que tem a máxima expressão na renúncia à própria vida. Num caso e no outro, já são as outras duas vertentes do amor a comandar o amor-próprio. Ou seja, sem elas, nem o amor por ti será possível.

• **2.º O amor aos outros.** É admirável o modo como está a ser vivido nesta epidemia. Antes de todos, pelos profissionais da saúde e seus colaboradores: Quantos deles estão a fazer o que podem e não podem, muitos em condições indesejáveis e para além do tempo habitual de serviço! Quantos renunciam ao convívio com os familiares, para os não infetarem! E quantos não foram já infetados!

A eles juntam-se os funcionários de instituições de solidariedade social que acolhem os mais débeis e, por isso, mais vulneráveis. Os detentores da autoridade que emitem as normas para que o vírus se não propague ou velam pelo seu cumprimento. Trabalhadores em empresas que garantem os bens elementares para a saúde ou a viabilidade económica do País. A grande maioria dos cidadãos que respeitam as normas que travam o contágio, ficando nas suas casas, por vezes sem condições para isso.

Mas, se, eventualmente, algumas destas pessoas agem apenas por dever de ofício ou obrigação, muitas outras o fazem sem outras contrapartidas senão o bem que querem fazer, designadamente, com ofertas: de contributos financeiros, de material para impedir ou combater o contágio, de logística para acolher quem mais precisa, de meios de animação para crianças e adultos, de propostas de oração para crentes e não crentes. Pais e avós que organizam uma vida

familiar em que todos se sintam bem. Inúmeros utilizadores das redes sociais que ajudam a manter a comunhão, nas suas expressões mais variadas, entre as quais a espiritual.

É possível que estejas entre as pessoas que fazem estes ou outros bens. Que te move a isso, senão o amor ao próximo como a ti mesmo? O amor que leva a que te sintas no lugar do outro, para dele te aproximes – como o samaritano que, segundo conta Jesus, se aproximou de um moribundo, estrangeiro e até inimigo, para o salvar da morte certa. Faz o mesmo – diz-nos Jesus, a ti e a mim – e viverás (Lc 10,28.37). Que vida? A que é ilimitada e Ele próprio obteve pela oferta da vida na cruz, manifestada no perdão aos que o matavam: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem! E na doação do que Lhe restava: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! (Lc 23,34.46). Adquiriu no amor de Deus a força para o amor ao próximo... ensinando-nos a fazer o mesmo.

**•3.º O amor de Deus.** É impressionante como um vírus tão minúsculo, que só ao microscópio se vê, esteja a ameaçar a humanidade inteira. Mostra-nos que o ser humano, que muitos pensam ser senhor de tudo, não passa afinal de uma débil criatura à mercê de um vírus que, ao que se sabe, nem os animais infeta. Somos, então, menos que animais? Não. Mas sabemos, ou deveríamos saber, que a vida é um bem, o meu maior bem, mas que não depende de mim. Recebi-a através de um número incontável de pessoas que, para isso, gastam a vida que também receberam. De quem? Em última instância, de Deus. Esta é uma convicção comum a todas as religiões e baseada na inegável dimensão religiosa do ser humano.

A pandemia recorda-nos esta verdade não apenas sobre a origem da vida, mas também sobre o modo de a orientar, para se não perder. Nisto a reação à presente pandemia tem sido, em geral, exemplar. A grande maioria das pessoas tudo faz para evitar o contágio, próprio e dos outros.

Quem o não faz, sem motivos justificados, desrespeita a vida, dos outros e a sua. Quanto mais gente infetar, maior é o risco de ser infetado. Por outras palavras: falta-lhe o amor pelos outros e por si, que, na prática é um só. Se pensas só em ti, menosprezando os outros, podes cair na tentação, por exemplo, a que te apoderes de tudo o precisas e não precisas, deixando os outros sem nada. Lembra-te, decerto, do açambarcamento de papel higiénico. Mas, então, que fazer para harmonizar as das vertentes do amor?

Resposta: a partir de Deus. Ele, sim, conjuga como ninguém o duplo amor. É, por isso, o Senhor da Vida, que tem em plenitude. Mas para a dar, num amor ilimitado. Repara como Ele o faz: De tal modo amou Deus o mundo que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que acredita nele não pereça, mas tenha a vida eterna – diz-nos Jesus, o Filho por Ele enviado – que, por sua vez, tendo amado os seus que estavam no mundo, os amou até à consumação (Jo 3,16; 13,1) – na cruz em que deu a vida, até à última gota, e triunfou para sempre sobre a morte. É esta vida que Ele nos dá, todo o ano, mas de modo especial na Páscoa, este ano vivida de modo único – mas talvez mais completo, se quiseres e souberes.

Não posso participar nas celebrações públicas numa igreja – mas podes segui-las pelos canais de comunicação social. Não é a mesma coisa, mas pode ser mais genuíno. Quando rezares entra no teu quarto e, fechando a porta, reza a teu Pai, que está no segredo, e o teu Pai, que vê no segredo, te recompensará – diz-te Jesus. Porquê? Para não caíres na tentação de rezares, para seres visto pelos homens (Mt 6, 5-6), como tantas vezes acontece na igreja.

Não posso aclamar o Senhor na entrada triunfal em Jerusalém – mas podes aclamá-lo em tua casa, a sós ou com os teus, associando-te aos cânticos que ouves durante a transmissão. Não posso assistir ao lava-pés ao vivo – mas podes purificar as mãos e tudo o que pode infetar, a ti ou aos outros. Não posso beijar o Senhor crucificado – mas podes enviar uma mensagem de apoio e gratidão a quem, em hospitais ou outros lugares, está a dar a vida para salvar vidas. Não posso acender a minha vela no círio de Cristo que passa da morte para a vida – mas podes, por uma palavra ou um gesto, iluminar quem anda nas trevas da dor e da ansiedade ou do erro e do pecado por causa do vírus. Não posso receber em casa a cruz do Senhor – mas podes enviar, até a um inimigo, um sinal de reconciliação e de paz. Faz isto ou algo de semelhante, e terás uma Páscoa tão inesquecível, que a próxima será vivida de modo muito mais autêntico: aquele em que transpões o amor recebido nas celebrações para a tua vida de cada dia.

Santa Páscoa!

Viana do Castelo, 29 de Março de 2020 (Quinto Domingo da Quaresma)

*t Anacleto Oliveira (Bispo de Viana do Castelo)*